

As Redes Sociais nos Espaços de Ensino e Aprendizagem em Tempos de Pandemia

Cleandro Stevão Tombini¹, Maristani Polidori Zamperetti¹

¹Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas, RS – Brasil

artistavisual2@gmail.com, maristaniz@hotmail.com

Abstract. *This paper discusses the current uses of social networks for Education in times of pandemic due to COVID-19. It scrutinizes the concept of a network to define what a social network on the Internet is. It examines how social networks have been used as an alternative means of study. It uses as methodology the bibliographic research of the exploratory type, in books, scientific articles and on the web (sites and videos). It concludes that social networks, in times of pandemic, are already configured as an environment that provides new modes of teaching and learning and, therefore, need to be effectively and consciously incorporated into the pedagogical device, which needs to be reinvented digitally.*

Resumo. *Esse artigo discute os atuais usos das redes sociais pela Educação em tempos de pandemia decorrente da COVID-19. Escrutina o conceito de rede para definir o que é uma rede social na Internet. Examina como as redes sociais vêm sendo utilizadas como veículo alternativo de estudo. Utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica do tipo exploratória, em livros, artigos científicos e na web (sites e vídeos). Conclui que as redes sociais, em tempos de pandemia, já se configuram como um ambiente que propicia novos modos de ensino e de aprendizagem e, por isso, necessitam ser incorporadas de forma efetiva e consciente ao dispositivo pedagógico, ao qual, urge reinventar-se digitalmente.*

1. Introdução

Atualmente, milhões de pessoas no Brasil, e bilhões pelo mundo, utilizam ou se apropriam de redes como o *Facebook*, o *Twitter* e o *WhatsApp*, como já o faziam mais antigamente com o *Orkut* e o *Myspace*, por exemplo, como ferramenta de comunicação e conversação, onde podem compartilhar gostos, opiniões (gerando discussões) e conhecimentos em comum, estabelecendo redes sociais.

Pode-se dizer que tais redes, presentes na *Internet*, já se firmaram como espaços onde os usuários podem criar a sua própria imagem (virtualmente), reivindicar direitos ou dar sua opinião acerca de assuntos de interesse coletivo, facilitando assim, a sociabilidade.

E, se há pouco tempo, já vinham sendo utilizadas para troca de conhecimento e informações, mais recentemente, em tempos de pandemia decorrente da COVID-19, as redes sociais vem se firmando como um espaço que propicia novos modos para o ensino e a aprendizagem de conteúdos escolares.

Diante de tais fatos, este artigo busca para compreender as configurações atuais das redes sociais em tempos de pandemia, ao estabelecer relações entre as redes sociais e a Educação, ou seja, acerca de como as plataformas digitais estão sendo utilizadas, atualmente, como ambiente alternativo para o ensino e a aprendizagem.

2. Metodologia

Essa pesquisa foi realizada, metodologicamente, nos moldes da pesquisa teórica bibliográfica de cunho qualitativo e exploratório, que, de acordo com Fonseca (2002, p. 32), “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.”

Assim, ao apresentar uma síntese dos resultados da pesquisa realizada no 1º semestre de 2018, para a disciplina “Leitura Dirigida: Mídias Sociais e Redes Sociais na Educação”, no Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, este trabalho utiliza como base, o referencial teórico da referida cadeira de Pós-graduação, além de outros teóricos escolhidos por mim, com recorte temporal delimitado entre 2006 e 2020, visando escrutinar o conceito de rede, compreender o papel da tecnologia digital e as interações e aprendizagens mediadas pelas Redes Sociais na cultura contemporânea.

3. Redes

Acredito ser importante, antes de iniciar uma reflexão, compreender que o termo “rede” é utilizado em muitas áreas distintas, porém, todos os seus significados parecem remeter a uma trama, um entrelaçamento ou uma teia.

Assim, inicio este ensaio com uma definição geral de “rede”, extraída do dicionário Cegalla (2005, p. 733), que diz que,

Rede s.f. 1 entrelaçamento de fios com aberturas regulares fixadas por malhas: O gol é bola na rede. 2 dispositivo feito de linhas trançadas para apanhar peixe: Os pescadores puxaram a rede. 3 espécie de leito confeccionado de tecido forte, preso pelas extremidades: Passava a tarde espichado na rede. 4 (Fig.) conjunto inter-relacionado de estabelecimentos, pessoas, terminais de computador etc.: rede de lojas. 5 entrelaçamento: rede de equívocos.

Outrossim, uma definição proposta por Santaella (2003, p. 89) busca precisar o significado de rede:

Uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam. Em informática, uma rede dessa natureza é análoga a um multiprocessador paralelo de informações, tal como ocorre nas redes de moléculas, células, insetos, sistema imunitário, sistema nervoso, ecossistema, rede telefônica, telemática, mercado.

Além disso, outra espécie de rede pode ser verificada no âmbito da Ciência, naquilo que diz respeito ao trabalho que o pesquisador realiza em laboratório, pois este é um local que necessita de “redes” para sobreviver e prosperar.

Assim, creio que o pesquisador precisa estar ciente de que, após a publicação dos resultados de suas pesquisas, ou seja, ao sair das cercanias do seu laboratório, as possíveis aplicações de suas “descobertas”, pela indústria, pela política, pelo exército, entre outras tantas, provavelmente irão fugir ao seu controle, e estarão à disposição de tantos outros campos quanto forem possíveis as suas conexões, devido às redes. Para Latour (1994), quanto mais trabalharmos em nosso laboratório, isolados do Estado, da religião, e de todos os outros campos do conhecimento, na busca pela pesquisa pura, mais a nossa pesquisa estará conectada, seja na busca de investidores ou nas possíveis aplicações de suas descobertas nos diversos setores da sociedade.

Outrossim, Carvalho (2012, p. 191) comenta que, desde o século XIX, seja por meio do rádio, da televisão, dos carros e aviões, a ciência vem aplicando esforços em novas formas de conectar pessoas, e por isso, o conceito de redes sociais não estaria, “[...] necessariamente, ligado a computadores, e sim às conexões entre as pessoas.”

De acordo com o autor, tal tipo de organização, há muito permite que sejamos capazes de criar, de maneira coletiva, conhecimento e cultura, pois, “não há sociedade se não houver redes: de amigos, de famílias, de comércios, de conhecimentos, de afetos etc., conectados por algum fator que combina os anseios, interesses e desejos das pessoas e coletivos [Carvalho, 2012, p. 191].

Contudo, foi com a criação da *Internet* (rede mundial de computadores) e a utilização de ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, de acordo com Recuero (2014, p. 24), que se possibilitou aos atores (“nós” da rede ou atores - as pessoas, grupos ou instituições), interagirem e se comunicarem com outros atores por meio de “conexões” ou interações (os laços sociais), modificando a nossa sociedade atual.

Assim, essas milhares de trocas entre pessoas que se conhecem, ou não, ou que ainda irão se conhecer são representações atreladas a inúmeras conversações que possibilitam, “[...] permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais na *Internet*. As características dos *sites* de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova forma conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede” [Recuero, 2012, p. 17].

Em outras palavras, é essa conversação em rede, que surge pela interconexão entre milhares de atores, criando laços, trocando e difundindo informações, que acabam por estabelecer redes sociais, pois, para Recuero (2012, p. 20), rede social não é o *Facebook*, por exemplo, ele é, na verdade, um “[...] espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes.”

Diante de tais definições, cabem mencionar ainda que, também a sala de aula se organiza pela rede ou, “[...] pela teia de práticas pedagógicas que a envolve e com ela dialoga” [Franco, 2012, p. 178].

Então, a seguir, veremos como se entrelaçam as redes sociais e a Educação.

3.1. As redes sociais e suas relações com a Educação

No nível da nossa experiência cotidiana, sabemos muito bem que quanto mais nos interessamos por um assunto, mais ele nos parece complexo e rico. Por exemplo, se começo a me interessar por jardinagem, vou saber cada vez mais sobre os arbustos, as flores, sobre a maneira de plantá-los, de cuidar deles e de compor um jardim agradável para ser visitado em todas as estações. Esse universo dos jardins, que antes era para mim estrangeiro e que eu só percebia de uma maneira superficial e longínqua, aparecerá agora para mim com uma precisão e profundidade cada vez maiores. Esse universo começará a *viver* [Lévy, 2012, p. 180].

Trago este excerto de um texto de Pierre Lévy, porque suas reflexões me deixaram bastante intrigado quando as li pela primeira vez.

Agora sei, que o que me deixava incomodado, era pensar que os jovens de hoje (e observo, com olhar de professor, a maioria deles, alunos da Educação Básica) parecem não possuir mais esse prazer no conhecimento, esse encantamento com o aprender, essa mesma beleza e intensidade com que as palavras de Lévy me arrebataram quando as li. E, pergunto-me: por quê?

Talvez a resposta esteja nas reflexões de Castells (2016, s. p.), que compara a importância das redes sociais na nossa vida hoje, à importância que teve a eletricidade durante a sociedade industrial, para defender a ideia de que elas são a forma de se comunicar, de existir, de fazer qualquer coisa, na nossa sociedade atual.

Segundo o autor, as redes sociais são o meio dos jovens se comunicarem, constituem um meio de aprendizagem destes, e assim,

[...] um dos grandes problemas da educação é que há uma contradição entre a pedagogia e a organização do ensino estabelecida historicamente através das formas verticais e burocráticas e a cultura da autonomia e da capacidade de cultura digital dos jovens. É totalmente contraditório. Os estudos atuais sobre evasão escolar mostram que a razão pela qual os jovens saem da escola é porque eles se aborrecem na sala de aula, porque a sala de aula continua com formas de comunicação que não são as desta sociedade. Isso não é um problema dos professores, mas do tipo de organização – vertical tradicional [Castells, 2016, s. p.].

Castells (2016, s. p.) defende ainda, que a prática dos jovens nas redes sociais está, fundamentalmente, levando-os ao empoderamento, ao reforçar a autonomia (ironicamente esquecida pelo país de Paulo Freire) e a capacidade de redefinição cultural.

Também, pensemos um pouco agora, nas palavras de Santaella (2016, p. 46), que diz: “a velocidade tomou conta do mundo e se há uma área da ação humana que não permite que fiquemos à janela vendo a banda passar, essa área é a da educação.”

Mas, será que já não estamos bem atrasados quanto a isso?

Creio que atualmente, essa é uma questão fundamental para se refletir. Além disso, quando li a reflexão de Santaella, veio-me à cabeça uma imagem: a figura do coelho correndo com o relógio e a menina Alice atrás dele. E o pior é que a menina chega até a toca e cai em um buraco!

Outrossim, penso que as questões de identidade no contexto da Educação, também possam trazer mais algumas pistas acerca de como os processos educacionais poderiam proceder em uma era digital.

Santaella (2016, p. 40), pontua que a *Internet* está propiciando (assim como a filosofia e a psicanálise já vinham fazendo há muito tempo) uma crise da identidade, daquela ideia de sujeito unificado, estável e racional, e, por isso, “os processos culturais e comunicacionais propiciados pelos ambientes do ciberespaço agora tornam evidente, colocam a nu e incentivam aquilo que antes não era tão fácil de ser detectado: a multiplicidade identitária do sujeito.”

Desse modo, o ciberespaço tornou evidente essa ideia de a identidade humana ser, por natureza, múltipla, e propiciou um ambiente lúdico para o sujeito brincar com as construções subjetivas e intersubjetivas, até os seus limites, o que é de suma importância para os processos de ensino e aprendizagem, pois

Quando a educação circunscreve o eu de cada indivíduo como o conteúdo oculto dentro de um corpo e mente particulares e privados, ficam erroneamente concebidas as estratégias educacionais em uma cultura digital. Uma vez que, a qualquer hora e em qualquer lugar, desde o advento dos dispositivos móveis, nossos corpos e mentes estão plugados em bases de dados, infovias e redes informacionais e pessoais, os caminhos para a educação devem ser encontrados nas novas formações subjetivas da cultura digital e não nos princípios que nortearam as certezas da era moderna em processo de desaparecimento [Poster, 1995, apud Santaella, 2016, p. 41].

Por fim, Lévy (2013, p. 179) é quem parece elucidar em parte essa questão, quando menciona que no ciberespaço não há tempo a perder, que a economia da *web* é uma arte bem conhecida da comunidade científica, pois busca interessar indo diretamente ao ponto, e assim, os fluxos de atenção na nossa era são “infinidamente mais numerosos, móveis e livres que na época em que o horizonte era limitado pelo que via do campanário local, quando os mercados eram fechados, as educações eram locais e as mídias, unidirecionais.”

Entre outras coisas, Lévy (2013) nos fala acerca de um conhecimento mais rápido na *Internet*, e de uma Educação não mais nos moldes tradicionais, mas de uma educação mediada pelo computador.

Assim, como observa Franco (2012, p. 173), neste atual século, além das influências sociais exercidas pela família, igreja e a escola, sobre as atuais gerações, temos ainda, aquelas provenientes de processos vinculados a mídias, como a televisão e as redes sociais, que passam a ter

[...] grande influência educacional sobre as novas gerações, competindo com as escolas em desigualdade de condições. A escola e suas práticas pedagógicas têm tido dificuldades em mediar e potencializar as tecnologias da informação e comunicação. O *que/como* pode a Pedagogia mediar tais influências? Como transformá-las em processos pedagógicos numa perspectiva emancipadora? Um dos temas cruciais da Pedagogia como educar/formar mediando tantas influências educacionais nos alerta para a complexidade das práticas pedagógicas e para o já mencionado desafio posto à Didática: como trazer à escola essa multiplicidade de influências e trabalhar pedagogicamente a partir delas?

Então, como pontua Charlot (2008, p. 20), o acesso fácil a enorme quantidade de informações presentes na *Internet*, faz com que o docente já não seja a única e nem a principal fonte de informações para o aluno, como era antes, e, por isso, faz-se necessário “[...] redefinir a função do professor, para que este não seja desvalorizado.”

Outrossim, as redes sociais presentes na *Internet* também são acessadas pelos educandos por meio de seus celulares, estes, amplamente utilizados em sala de aula (também para tirar *selfies* e capturar rapidamente a matéria que o professor escreve no quadro), em todos os níveis de ensino (mesmo sendo proibido o seu uso no ambiente escolar). Ademais, o grande interesse dos jovens por essas tecnologias atuais, ou seja, pela comunicação via “[...] *internet* [redes sociais] e por celular está fazendo com que eles leiam cada vez menos textos impressos, e enquanto esse tipo de texto permanece a base de aprendizagem escolar da língua e cultura [...]” [Charlot, 2008, p. 20].

Atualmente, devido ao confinamento coletivo da população mundial, decorrente da Pandemia pelo coronavírus, como uma saída para a impossibilidade de proximidade entre as pessoas, diversas instituições brasileiras de ensino estão utilizando as redes sociais como ambiente alternativo para o ensino e a aprendizagem, nos mais variados níveis de Educação.

3.2. As redes sociais nos espaços de ensino e de aprendizagem em tempos de pandemia

Dentro desse contexto, cito as escolas da região metropolitana de Porto Alegre, RS, as quais estão utilizando diversos tipos de redes sociais como uma forma de manter o vínculo do estudante com a instituição escolar e, como um meio alternativo para o ensino e a aprendizagem que não podem ser realizados em sala de aula fisicamente.

De acordo com Sander (2020), a partir de abril de 2020, escolas da Rede Estadual de Ensino, de instituições localizadas na periferia de Porto Alegre, RS, adotaram o *Facebook* e o *WhatsApp* para aplicar as chamadas “aulas programadas”, para distribuir os conteúdos a seus alunos (Figura 1). “Altamente difundidas, essas redes sociais podem, na falta de um computador na residência, ser acessadas por qualquer celular” [Sander, 2020, s. p.].

Segundo Claudia Campos [apud Sander, 2020, s. p.], diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Matias de Albuquerque (localizada na zona sul de Porto Alegre, que atende 222 alunos), para interagir com os alunos, e, para que estes não

perdessem o vínculo com a escola, os professores criaram grupos no *Facebook* para cada turma, nos quais foram postados os materiais pedagógicos: vídeos de contação de histórias, de educação física e de canais do *Youtube*.

No município de Gravataí, também o *Facebook* foi utilizado como ferramenta tecnológica de ensino. Os professores enviam aos alunos – amigos da Escola nessa rede social –, atividades com questões objetivas, dissertativas e para desenhar, para que fossem respondidas em até 15 dias, com a possibilidade de sanar dúvidas pela própria rede, por meio de mensagens ou ainda, por meio de vídeo com a criação de grupos como “salas de aula virtuais”, um dos vários recursos da plataforma.



Figura 1 – Aluna da Escola Matias de Albuquerque fazendo as tarefas das aulas programadas. Foto: Seduc.

Fonte: Sander (2020).

Em uma busca rápida pela Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações da Capes (BDTD), com os termos “ensino” e “*Facebook*”, foram apresentadas mais de 300 pesquisas, na sua maioria, investigações acerca do uso do *Facebook* no ensino e na aprendizagem (suporte tecnológico de ensino, ambiente de aprendizagem, recurso pedagógico ou recurso auxiliar de ensino) dos mais variados conteúdos, de todas as disciplinas presentes na grade escolar da Educação Básica, de 2011 a 2020.

De acordo com Salles (2020), comentarista do *site* *apptuts.net*, nem as polêmicas de 2018, que abalaram a reputação do *Facebook* – a plataforma pioneira no formato “*feed* de notícias” e, que permite criar todo tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeos e transmissões ao vivo) –, foram capazes de tirar o posto de rede social mais acessada no mundo em 2020. Vale ressaltar aqui, que tal informação é corroborada ainda, por outros *sites* na *Internet*. Quanto ao Brasil, o *Twitter* e o *Facebook* eram, em 2016, as redes mais frequentadas, segundo Santaella (2016), contudo, não verifiquei um consenso entre as informações veiculadas nos *sites* da *Internet* (em uma busca pelo *Google*), sobre qual seria a rede social mais acessada em 2020, apesar de o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp* sempre figurarem entre as primeiras colocações em todos eles.

Cabe mencionar aqui que, neste artigo estou considerando o *WhatsApp* como sendo um tipo de rede social, apesar de existir muita especulação, conforme comenta Cruz (2020, s. p.), comentarista do *site* “Maiores e Melhores” e mestre em Gestão e Estudos da Cultura, sobre ele e o *Messenger* poderem [...] ser considerados redes sociais ou apenas aplicativos de comunicação. Para o *Social Media Trends*, eles não são redes sociais [...]”. Assim, não é meu intuito, estender-me aqui, nessa discussão.

Outrossim, no município se Viamão, RS, as escolas utilizam grupos de *WhatsApp* para o ensino. Na EMEF Recanto da Lagoa, localizada na periferia do município, os professores enviam as suas atividades, sempre na sexta-feira (uma vez por semana), para que o estudante retorne na sexta-feira seguinte, podendo esclarecer dúvidas, pelo celular, em horários preestabelecidos, definidos por cada professor, no decorrer da semana. Abaixo, uma atividade de Arte, disciplina que ministrou para as séries finais do Ensino Fundamental, recebida pelo *WhatsApp* (Figura 2):



Figura 2 – Alunos das séries finais da EMEF Recanto da Lagoa, Viamão, RS. Releituras de obras de Arte: *Autorretrato com Boina* (1886), Claude Monet; *O Grito* (1893), Edvard Munch; *Moça com o Brinco de Pérola* (1665), Johannes Vermeer; *Mona Lisa* (1506), Leonardo da Vinci; e, *Autorretrato com Chapéu de Feltro Cinza* (1887), Vincent Van Gogh.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Se por um lado, essa plataforma tem a vantagem de possibilitar ao professor e ao aluno encaminhar arquivos, *links*, áudios e vídeos, por outro, tem na perda da privacidade, principalmente por parte do professor, uma de suas desvantagens, pois até de madrugada alguns alunos acabam enviando mensagens para sanar dúvidas ou as suas atividades concluídas.

Como complemento a essa discussão, cabe mencionar aqui, um trabalho, realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, que investigou, por meio de entrevistas semiestruturadas, junto a professores (do Ensino Básico e Superior) e a alunos (de Graduação e Pós-graduação), como ambos viam o ensino remoto quanto às suas dificuldades e oportunidades em tempos de distanciamento social causado pela pandemia. Nesta pesquisa, um dos alunos relatou que, para ele, o uso do *WhatsApp* era uma possibilidade de reduzir a locomoção até o ambiente de estudo, pois poderia agora, falar com um professor por meio de mensagem “[...] e vivenciar novas maneiras de estudo, tendo acesso a novos materiais e conhecendo plataformas de simulações” [Feitosa et al., 2020, p. 7].

Diante de tais reflexões, penso que a volta à sala de aula, de forma presencial, na pós-pandemia, poderá fazer com que tais ferramentas tenham seu uso retraído ou até mesmo, em algumas escolas, proibido.

Contudo, creio que se faz necessário estimular o aluno a utilizar essa tecnologia de forma consciente, a nosso favor (do professor), para que possamos tornar as nossas aulas mais atraentes, contudo, para além de um mero recurso pedagógico, na mesma esteira de pensamento daquilo que Sabilia (2012, p. 190) propõe em seu livro *Redes ou paredes*, no sentido de produzir uma hibridação entre dois regimes, considerados pela

autora, diferentes, contraditórios e “[...] até incompatíveis – como o são o dispositivo pedagógico disciplinar e a conexão em redes informáticas.”

Todavia, se esta hibridação não ocorrer, Sibilía (2012) prevê outros dois caminhos possíveis: ou o dispositivo pedagógico resistirá à dispersão e conseguirá proibir a conexão, “ficando as paredes da sala de aula em pé”, ou então, será totalmente suprimido pela tecnologia, “e as redes vencerão”.

4. Considerações finais

Diante de tais fatos, creio que o objetivo deste artigo foi atingido de maneira satisfatória, pois foi possível compreender que, atualmente, em tempos de pandemia, ao serem utilizadas de forma alternativa para o ensino e a aprendizagem, as redes sociais estão dando acesso a novos materiais de estudo, no formato digital, seja pelo computador ou celular, configurando-se assim, como ambientes que propiciam novas relações entre professor e aluno, tanto no espaço como no tempo em que ocorrem, tornando aquilo que ainda há pouco parecia tão distante, realidade em nossa sociedade.

Outrossim, ao verificar que as redes sociais podem configurar-se em um novo espaço democrático para os estudantes, pois podem levá-los ao empoderamento e reforçar a sua autonomia, por facilitarem ações coletivas organizadas na busca por mudanças na política, em prol de inclusões sociais e ampliando o debate entre pessoas de diferentes culturas, religiões, etnias, classes social ou econômica, concluo que estas, necessitam ser incorporadas de forma efetiva e consciente ao dispositivo pedagógico, e não como mero recurso didático, que reproduz a lógica tradicional.

Contudo, penso que a Educação deve olhar com atenção para os “atores” que se apropriam do ambiente virtual para jogar com as construções do eu (construindo uma identidade com caráter múltiplo, onde podem escolher o nome e uma imagem, verdadeiros ou *fakes*, para representá-los), para acompanhar o avanço digital ou então, irá ficar para trás, o que é corroborado pelo rápido crescimento dos modelos de ensino à distância no sistema educativo brasileiro e, pelo despreparo, de professores e alunos, para lidar com as ferramentas tecnológicas em educação, tornado visível pela recente pandemia causada pela COVID-19.

Tal constatação suscita uma questão: Será que num futuro próximo ainda nos reuniremos em uma sala de aula, fisicamente, ou apenas colocaremos os nossos “avatares” para frequentar uma sala de aula virtual?

Todavia, não se trata, em hipótese alguma, de substituir o caráter humano pelo tecnológico, nas relações educacionais, mas antes, de saber fazer uso das ferramentas digitais. Então, é por isso que acredito que uma questão, inspirada em Pierre Lévy, urge muito por uma resposta em nossos dias atuais: se as nossas escolas não se reinventarem tecnologicamente, como irão conquistar a atenção do aluno daqui para frente?

Referências

- Bauman, Z. (2012) Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança, (6m19s), <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU>, junho.
- Carvalho, J. M. (2012) Práticas pedagógicas nas múltiplas redes educativas que atravessam os currículos, In: Libâneo, J. C.; Alves, N. (orgs). Temas de Pedagogia. Diálogos entre didática e currículo, São Paulo, Cortez, p. 189-205.

- Castells, M. (2006) A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política, In: Cardoso, G.; Castells, M. (orgs.). A sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 17-30, http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf, junho.
- Castells, M. (2016) Novas Gerações e Redes Sociais, Fronteiras 10 anos: Manuel Castells, <https://www.fronteiras.com/artigos/fronteiras-10-anos-manuel-castells>, outubro.
- Cegalla, D. P. (2005) Dicionário da língua portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Charlot, B. (2008) O professor na sociedade da contradição: um trabalhador da contradição, Revista da Faeb, Salvador, v.17, n.30, p. 17-31, jul/dez.
- Cruz, A. L. (2020) Você sabe quais são as redes sociais mais utilizadas no Brasil em 2020?, <https://www.maioresemelhores.com/redes-sociais-mais-utilizadas-brasil/>, junho.
- Feitosa, M. C.; Moura, P. de S.; Ramos, M. do S. F.; Lavor, O. P. (2020) Ensino Remoto: O que Pensam os Alunos e Professores?, In: V Congresso sobre Tecnologias na Educação (Ctrl+E 2020), Educação do Futuro: Tecnologias e Pessoas para Transformar o Mundo, João Pessoa, PB, Brasil, On line, 25 a 28 agosto, p. 1-9.
- Franco, M. A. S. (2012) Práticas pedagógicas nas múltiplas redes educativas. In: Libâneo, J. C.; Alves, N. (orgs) Temas de Pedagogia – Diálogos entre didática e currículo, São Paulo, Cortez, p. 169-188.
- Latour, B. (1994) Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica, Rio de Janeiro, Editora 34.
- Lévy, P. (2012) O Ciberespaço e a economia da atenção, In: Parente, A. (org.). Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação, Porto Alegre, Sulina, p. 174-188.
- Recuero, R. (2012) A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet, Porto Alegre, Sulina.
- Salles, F. (2020) Top 15 redes sociais mais usadas em 2020, <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/top-redes-sociais-usadas-mundo/>, junho.
- Sander, I. (2020) Escolas da Capital usam redes sociais pelo celular para atender alunos: instituições tem usado Facebook e WhatsApp para elaborar as aulas programadas, Secretaria da Educação, <https://educacao.rs.gov.br/escolas-da-capital-usam-redes-sociais-pelo-celular-para-atender-alunos>, abril.
- Santaella, L. (2016) Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação, In: Primo, A. (org.) Interações em Rede, Porto Alegre, Sulina, p. 33-47.
- Sibilia, P. (2012) Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão, Rio de Janeiro, Contraponto.